

ARTEVEG: CONTRIBUIÇÕES DE JUVENTUDES PARA UMA ÉTICA DE REVERÊNCIA PELA VIDA

TATIANE CARIJIO ZUCCHETTI¹;
VÂNIA ALVES MARTINS CHAIGAR²

¹Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – tatizucchetti28@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – vchaigar@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Antes de iniciar estes escritos, me apresento na condição de licenciada em Artes Visuais e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, participante do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Redes de Cultura, estética e formação na/da cidade – Recidade e Bolsista CAPES. Tenho como foco das minhas pesquisas a arte/educação e a busca por uma educação antiespecista.

O presente trabalho se rascunha de forma propositiva para pensar acerca da formação de juventudes mais humanas a partir de uma educação antiespecista por meio da arte/educação. Dentro dessa perspectiva, este escrito parte de uma dissertação de mestrado em andamento, cuja intenção é explorar de que forma as juventudes podem contribuir para uma educação antiespecista através da *arteveg*¹ e da arte/educação.

Este projeto, se lança em direção do meu fazer docente e à reflexão das artes, fundado em práticas que possam contribuir para o reconhecimento com/para/do outro em pretensão de uma pedagogia antiespecista, “uma ação direta pedagógica, cujo objetivo é levar a teoria dos direitos animais, sua prática e o modo de vida vegano ao conhecimento do maior número de pessoas” (Denis, 2017, p. 13).

Justifico a importância da pesquisa pela urgência da discussão acerca da forma como convivemos com o mundo e as vidas nele existentes. Assim como Krenak nos ensina, a educação tem de estar conectada com os ensinamentos dos animais não humanos, com os pássaros cantando, com a natureza ao nosso redor, com todas as vidas não humanas que habitam o planeta.

No Ocidente, a ideia de educação começa com um erro fundamental: acreditar que ela é um assunto exclusivamente da espécie do humano. Então, o humano não se educa com um cavalo, com um peixe, ele não se educa com um pássaro cantando ou com um evento qualquer daquilo que a gente chama de natural. Esses eventos estão todos surdos, cegos e mudos. Não têm nada a dizer para o humano. Isso sugere que, na verdade, quem está cego, surdo e mudo é esse humano que perdeu a noção de tudo e que criou uma ideia de si atomizada, um átomo. Então eles se batem por aí, se movem por aí, mas não são capazes de se permitir atravessar-se por outras antologias, por outras perspectivas, por outras poéticas. (Krenak, 2023)

Ademais, busco me envolver com um tema que transborda a esfera acadêmica, atravessado pela constituição ética, onde busco pensar uma educação não centrada apenas em saberes nas áreas da teoria e prática docente, ou saberes

¹ *Arteveg*, uma arte de reverência pela vida, parte da junção de arte e do sufixo *veg* de vegetarianismo ou veganismo, conceituada a partir do filósofo Schweitzer (1962). Assim se constitui a *arteveg*, essa conjunção de práticas artísticas micropolíticas, capaz de promover respeito e sensibilidade perante os animais não humanos.

sobre metodologia e pedagogia, mas também na forma como nos relacionamos com os outros seres que habitam o mundo em que vivemos.

2. METODOLOGIA

A questão mobilizadora da pesquisa é “de que forma juventudes podem contribuir para uma educação antiespecista através da arteveg e da arte/educação?”. Para tanto, inicialmente, exponho como objetivo geral da pesquisa: Compreender como juventudes contribuem na produção de uma educação antiespecista efetiva, por meio da arteveg e do ensino da arte.

São objetivos específicos, derivados do objetivo geral da pesquisa:

(a) entender a/as concepção/ões do antiespecismo e direitos dos animais pela ótica de juventudes;

(b) analisar a contribuição que a arteveg e o ensino da arte podem dar para uma educação antiespecista;

Como parte das juventudes, compreendo que, os “jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem” (Dayrell; Carrano, 2014, p. 112).

Compreendo que a juventude é um tempo em que se busca engajar politicamente, de forma que ao nos valermos de uma abordagem antiespecista, podemos não só abrir um espaço para um diálogo da maneira como esses jovens se relacionam com o seu entorno, mas, também, contribuir para um ser e estar no mundo de forma política, engajada e ética com animais não humanos.

Pretendo utilizar uma Análise Institucional (Baremblytt, 2002) de referências bibliográficas e conceituais que possam respaldar e evidenciar a importância da temática e da intervenção articulando a práxis de pesquisa com a de ensino e extensão. Além disso, a produção de dados se dará por meio de um grupo focal de no máximo 10 jovens entre 15 e 21 anos, estudantes de ensino médio de escolas públicas da cidade do Rio Grande/RS.

A pesquisa irá ser desenvolvida com jovens participantes do projeto de extensão “Democracia na juventude”, coordenado pelas Prof^{as}. Dr^{as}. Narjara Mendes Garcia e Prof^{as}. Dr^{as}. Marcia Soares Silva, em parceria com o grupo Recidade. O projeto tem o intuito de formar jovens lideranças na cidade do Rio Grande.

São planejados pelo menos três (3) encontros com o grupo, para os quais, previamente será pensado temáticas atentas aos objetivos da pesquisa. No grupo focal iremos discutir sobre o antiespecismo e os direitos animais por meio de situações problemas (notícias, imagens, vídeos etc.) e/ou obras de arte. Essas situações problemas serão disponibilizadas para que a partir delas possam gerar debates, buscando analisar as diferenças dos pontos de vistas dos estudantes e, a partir disso, discutiremos a arteveg como uma arte de reverência pela vida. Dessa forma irei observar os sentidos e significados produzidos por eles a partir dos temas propostos e de suas experiências pessoais, buscando através disso responder as questões mobilizadoras da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É significativo reconhecermos que a educação possui um papel transformador, tanto para a solução desta questão como de outras tantas. Para isso, é preciso encontrar formas e métodos de ensinar os direitos animais, ensinar sobre uma sociedade mais justa perante eles. Paulo Freire afirma:

[...] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (Freire, 2002, p. 77-78).

Como Freire diz, para que possamos ensinar o respeito precisamos de sujeitos interessados em transmitir esse ideal para os outros, alcançando a politicidade da educação através de métodos pedagógicos capazes de gerar reflexão.

Devemos refletir e repensar novas formas de educar, para que possamos transpassar ideais que gerem reflexões acerca do que a sociedade nos impõe, aqui foco na questão antiespecista. Acredito na mudança da realidade através da educação transformadora. Afirmo que, em diálogo com o referencial teórico, defender uma educação antiespecista perpassa pela minha constituição enquanto pesquisadora em formação, onde estabelecer movimentos em prol do antiespecismo se torna uma ação educativa micropolítica com e para o mundo.

4. CONCLUSÕES

Apresentando a educação antiespecista como uma ética de reverência pela vida, é importante entendermos que nós - os (auto) denominados humanos - ignoramos os interesses mais básicos dos animais, justamente pelo modelo que nos foi ensinado pela educação utilitária, recebida desde a infância. Reduzimos a existência desses animais, transformando-os em objetos do nosso dia a dia e, assim, perpetuando a naturalização do utilitarismo. Para reverter essa lógica propomos uma educação que busque problematizar esses ideais especistas, e vise encontrar práticas que nos ajudem a refletir e agir no combate as relações individualistas que estabelecemos. É indispensável encontrar formas de educar que apresentem o coletivo interespecies (humanos e não humanos) e a reverência por todas as formas de vida para que possamos reverter a forma como nos relacionamos com o mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**: teoria e prática. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Juventude e Ensino Médio**: quem é este aluno que chega à escola. In: CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-134.

DENIS, Leon. **Educação vegana e a perspectiva Neoaristotélica contemporânea**. In: FASCINA, Diego Luiz Miiller [et al]. **Educação Vegana: perspectivas no ensino de direitos animais**. [Leon Denis organização e introdução]. São Paulo: FiloCzar, 2017. p.13-36.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KRENAK, Ailton. **Ailton Krenak**: florestania para aprender a ouvir o rio e a montanha. [Entrevista concedida a] Laura Rachid. Revista Educação, edição 299, publicado em 24 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2023/11/24/ailton-krenak-florestania/>>. Acesso em: 10 set. 2024.

SCHWEITZER, Albert. **Filosofia de La civilización II**: civilización y ética. Buenos Aires: Editorial SUR, 1962.